

Deborah Brennand

LETRAS VERDES

Quando iniciei

Letras Verdes,

Ela me disse

- Lembre que sou arredia, repito sons destoantes, esqueço o que lembrar devia e sinto uma alegria triste brotar na safra de sonhos, quando uma andorinha por si mesma arrisca a vagar na luz asas de sombras.

Diga mais que, sem arte, decifro em sílabas o sítio onde a alma esconde a frágil estrutura do seu coração, não sob colunas marmóreas, sim sob pilares de ar que sempre caem. Não importam quedas, ponho outros no lugar e o tempo se encarrega de neles fazer crescer o novo das ramagens.

Confesse o desatar de minhas sandálias, quando juntas pisamos o inverno fazendo nos leirões plantios de chuva, ou como é sem volta o caminho do abandono.

Mostre o meu rosto sem disfarces acordando igual ao da camponesa que cedo vai aguar a horta e espanta a afoiteza de pavões bicando folhas, antes do sol em longínquos pomares salpicar luz nos laranjais.

Grife de encarnado a minha origem selvagem e mostre o avesso dos meus cuidados. Enfim, avise que me esqueço, com você, de lustrar as rimas. Uso só poucas e velhas palavras, elas me servem assim, denunciam a minha liberdade de só com o VERDE seguir um rio margeando os capins de janeiro quando se vê uma luz de marfim partida ao meio.

- Mas por que vou ser o arauto do já dito?
- Porque às vezes su tímida e silencio.
- Sendo assim, eu digo.

D.B.

DIA E NOITE

Antes ou depois
da sucessão das flores
tudo foi escrito

em letras verdes.

Os caminhos do início
eram o retorno
e a chamaram - louca

só por dizer certas coisas.

Coisas assim

- O sol nas sombras
é um fingido morto.

UMA VISÃO DO MUNDO

Só a mudez de asas
em vôos de nuvens soltas

uma briga de flores
cravos assustando dalias

em fanado agosto.

E a terra tão esmagada,
ainda sob passos,

ou aquele lodo nos matos
escondendo da sede a água

e mais, muito mais, a água sufocada.

TEU MAL

Esconder do verão
sombrias na água.

Caçar raposas
onde não havia mata.

Trazer no tapete
rosas da Pérsia falsas.

Rasgar a bandeira
antes de findar a guerra

porque tu venceste
e eu... fiquei calada.

SE

Por que não indagas?

- E, se em lugar das flores
o jarro fosse ornado
com o viço da urtiga
e sangrentos botões de cardo?

- Talvez o tempo voltasse ...

Sujo de mofo e aragens,
rolando em folhas secas,
ainda assim seria o antes,
o antes das flores

tão brancas assustarem a noite.

BARCOS E PEDRAS

Ele me vê
com duas pedras
incrustadas nas pupilas.

Olhos gregos assim
olham nas estátuas
e nada vêem

mesmo com o sol da noite aceso.

Ele só quer
o que já dei ao tempo
antes muito antes

quando o mar era branco
a lua bem negra
e não voltou mais o barco

nunca mais...

JÁ VI AMEIXEIRAS FLORINDO

Ameixa tão negra! Nunca vi,
nem eu nem o meu concriz
inquieto bicando a gaiola
numa ousadia incontida

de plumas se abrindo.

Que sabor oculto
vem de outras plagas
fazer inveja ao sítio
atordoar meu concriz

já sem cantar há dias.

O certo é dividi-la.
O caroço jogo ao sítio
a casca é só do concriz
metade da ameixa é minha

e a outra dou a quem disse

- Já vi ameixeiras florindo.

ELA O MAR E O TERRAL

Abriu a janela
e viu o mar.
Calado e sem navios
estava só o mar.

Do outro lado ia o terral.

Sem pegadas
não tocava em ramos.
Tão só, tão só
igual a ela e ao mar.

Assim não há o que reclamar...

NO AREAL

De barro frágil
o coração se viu em pedaços.
Não, não foi o meu.
Era o dela, vendo as águas

com amarras de barcos ao redor.

De outra vez, cautela,
sejam mais sábios os da terra.
Ao erguê-la tão alto
com rosas e cravos

façam, no areal, uma santa de ferro.

“O CAMINHO DO
HOMEM COM A MOÇA”

Chega mais perto
vê - são braceletes
anéis de ouro e pérolas
para ornarem o teu ser

longínquo.

Volta, recebe as tâmaras
as mais doces do meu deserto
que se une calado à relva
sem medo, sem pedras,

chega mais perto.

Deixei no minarete branco
uma águia vigiando
e no pátio, soltos, os cães
rastejam passos e sombras.

Só não posso te dizer o meu nome.

Abraça-me.

Ela não respondeu, foi adiante.

O SINAL

Chovia, chovia,
o gado mugia tanto no curral
que parecia ser
um sinal de lágrimas.

Então pensei – vamos,
vamos também embora,
chove chove demais
o pasto está queimando em águas.

- E aonde vão vocês agora?
- Procurar uma estrela nas estradas.

SOB UMA LUA PARDA

Fingindo-me de cega
sonhei com os que matam
só por matar, acordei.

O sol ia tão alto!

E o sonho? - Jazia na terra
sem o lamento de estranhos
coberto de um pano branco

igual igual ao morto
esquecido por todos na estrada.

NAS PROFUNDEZAS

Onde a luz não chega
as serpentes de Medusa
arrepiam-se negras.

E aqui, tão raso, no poço
o sol lava os cabelos
com extrema delicadeza.

Só os mortos não se contradizem.

DO OUTRO LADO

De um leirão tão alto
cai nas cercas
a semente da luz.

Tudo para mim é claro.

Até os pássaros
têm chagas nas asas
e a novilha o couro ensangüentado.

COM ABÓBADAS DE OURO

Deu-me um adeus
que só agora
depois, muito depois

respondo.

Obediente à sina
o coração na relva
não deu alarmes de sangue

calou-se

mas, além das pedras,
alguém falou
- Eu ia te dar um teto

com abóbadas de ouro.

CIÚMES

De um tempo barroco
com tantas curvas
ondulando estradas
surge uma lua nua

despudorada.

Por certo o sol irado
com a efêmera audácia
de rebentar o claro
onde escuro foi seu ato

fique intrigado e reaja.

- Que ousadia!
Só de mim depende
e ainda exhibe vantagens.
Amanhã ela me paga.

Finjo uma viagem e faço uma noite alva.

ILUMINURA TARDIA

Entre arcos de boninas
o caminho
é um fulgor de andorinhas

chegando, chegando.

No vergar das ramagens
um ninho apenas
fervilha em cantos

cantos tardios.

E longe, bem longe,
onde não sei,
mal se distingue o vale

nem a lua vê a colina.

Tudo é tardio.

O JAVALI

O sol caiu no açude

igual a um javali
erica pêlos de luz
vai às águas fundas
depois flutua em juncos.

O seu dourado focinho.

As nuvens não ligam,
ficam longe, arredias,
as folhas se amoitam
em sombras infiéis.

Alguém diz

- Está ali a presa, atira,
suja o juncal de sangue,
no amanhã escuro
dos beirais do charco

surgirá a caça morta.

- Nunca, é só engano
o sol não dorme
cai outra vez no açude
vai em águas fundas

E novamente flutua eriçado de luz.

SÓ FLORES

Entregou o silêncio
e um feixe de petúnias.
Que mal havia? Eram flores

flores de roxo...

Ele as veria ressecarem
arrancadas da sombra
ao léu da luz queimando.

Que mal havia?

- Eram só flores.

A PARTIDA

Não vês?

- As acácias, os gerânios
lírios, margaridas
o roseiral e os jasmíns

todos de uma só vez

dando adeus.

Ela fez que não via:
e só além da porteira
longe, bem longe, nas colinas
onde nada mais se ouvia

respondeu - Adeus.

O SOL ESTÁ SOLTO

Não, não entres no sítio
com os portões se abrindo
em grades de ferro azul.

Os pássaros sabem disso.

Há um avanço raivoso
de brutas garras de ouro
sangrando caules e folhas,

depois um roçar manhoso

na mansidão dos bredos
que cercam a casa
com um letreiro aceso

Bem-vindo sejas

Não acredites - é puro enleio.

NO BOSQUE AZUL DAS PAVOAS

Onde estão os meus mortos?
Quero vê-los de novo
no mais claro da luz
mal o sol acenda as folhas

e saiam do ninho as pavoas.

De novo quero vê-los ou então... eu morro?

O XALE VERDE

Talvez você nem saiba
por que, uma vez, tão ligeiro
voltou a face à esquerda
sem responder – Adeus.

Eu sei,

mas ... digo só e somente
- Você é rebelde,
guarda lágrimas em lenços
e deixa na gaiola

um sabiá com sede.

Se um dia, por algum revés,
seu xale verde
rastejar na lama a seda
sem ninguém erguê-lo

não se queixe.

Quem lhe mandou dizer,
assustando o vale
em pleno sol de janeiro
entre canteiros vermelhos

- O meu coração é de gelo.

RUMO AO LESTE

No fim da manhã
o seu único vôo
ergueu-se ao leste.

Dúvidas ainda restam ...

Tão sombrio azul
quem pode negar
naquelas plumas?

disse alguém - É ave maligna.

Dúvidas ainda restam
nas folhas do sítio
e ele não voltou

Por quê?

A CARTA

Saudações

Aqui, a novidade
são os confreiros quase negros
assustando a horta.

Ao lado é a luz entrar
sem nenhum pejo
e sem bater nas portas,

num infundável entra e sai
de criança azougada
girando o amarelo da saia,

mostrando-se demais.

E aí, o que se passa?

Roxos beijos.

SOLTO E SEM DESTINO

Onde a terra limpa
cerca as raízes
no amanhã do sítio,

o descuido planta malícias.

Na latada ao longe,
iguais são o viço
da vagem e da erva daninha

- antes tão arredia.

Dizem os espelhos
em águas refletidos
- O tempo já não é o mesmo,

a brisa tem asas partidas.

E fuçando as nuvens,
como nunca se viu,
o sol é um cão vadio

solto e sem destino

AGORA

Lua de opala
cristal em águas
argola de luz

eis o vazio do que foram.

Agora só margaridas mortas
denunciam:
havia um verde de folhas.

Que pobreza!

Mas já se esperava
tal era o desperdício
de pássaros soltos

no chão à-toa.

ANTES DA NOITE

Sem desgosto,
sinto e deixo
o odor da caneleira
perder-se à-toa.

Quem chega

e mais ligeiro volta
assustando abelhas
roçando os talos secos
de capins tão roxos?

- São asas, meu amor,

do agora para o depois
quando a luz se afoga
na barragem da noite
coberta de lodo e flores.

ONDE A SOMBRA EXISTE

Antes do poente
acolher o sono de vôos,
quem oculta em folhas
olhos de luto?

- Ela, que em ramos se debruça.

Todavia, isso não impede
um jovem passar sorrindo
com os cabelos crespos de luz
e hálito maduro de uvas

Longe, onde passa o rio
e a sombra não existe

ONTEM

Disseram tantas coisas

que eu pensei: estou sob uma pérgola
de uvas ácidas e verdes
torturadas de mofo com abelhas

Nem oculta em folhas
uma só penca se salva do agouro.
e o verão, ainda, diz mais coisas.

Disfarço e finjo que não ouço.

SE ALGUÉM CHEGASSE

Dizendo só para mim
tudo o que não existe

- O sol e a lua unidos

vagueiam nas colinas
colhendo cinzas.

Se alguém chegasse,

que perdida viagem!
No ocaso brilham cascalhos.

E eu já não tenho casa.

INSÔNIA

Viu nos pingentes
o cristal
facetar as lágrimas.

Viu até uma luz
com ânsias de luar
no lustre enferrujado.

Só não via o desejado.
- A terra prometida
beirando margens da água.

E o barco ancorado.

ELE É ALGUÉM

De uma aldeia
tão longe que eu não sei.
E se lhe perguntarem
- Onde pôr a lenha?

Responde

- Não em minha tenda,
aqui eu não divido o tempo
em estações mortais
chuva e sol brincam irmanados.

Além do mais não há lugar.

EM NOITES DE LUA BAIXA

Dizem que Hermione
tão afeita à caça
ainda rasteja
o seu ventre escamado

nas ladeiras.

Lembranças gregas!
A mim alegre que cheguem
e ergam chamas
de vetustas fogueiras

num sacrifício de lobos e ovelhas.

Em noites de lua baixa.

ALÉM DO MURO NEGRO

Ontem uma abelha
fugindo à-toa
caiu, sem querer,
na loca da caranguejeira
morreu.

Hoje longe do sol
o cafezal amanheceu
sem flores abertas
só com ramos secos
morreu.

Agora, sinto dizer,
um par de asas
boiando sem sangue
nos charcos da mata
morreu.

É muito para se chorar
o que se perde em adeus.
O tempo só finge surdez
e vai em frente alheio
ao muro negro.

QUANDO LEIO OS SEUS VERSOS

“Com seu tom gentil ontem me disse alguém”

Penso em tudo o que não nasce
em meus leirões de barro.
- Cerejas nozes amêndoas
pêras macias de amarelo
e vejo chegar um longo inverno.

Então, ponho no centro da mesa
aquela fruteira de vidro céu,
- capaz, muito capaz de dar inveja
aos frios amores que a cercam
no mais longo inverno.

E as almas chegam. Eu vejo
dedos pousarem na renda irlandesa
e vozes com antigas palavras
- dizerem o que o vento tenta decifrar, mas
o vento não sabe o que eu sei.

CORTESIA

Por cortesia,
chegou o trator do vizinho
e ... refez a estrada,

fiquei sem palavras.

O que tem a ver
o velho caminho
de capim e espinhos

com andanças fáceis.

Eu sabia me apoiar
em caules frágeis
vergar o destino à terra

sem tropeços fatais.

Agora, onde brilha o limpo,
a luz não faz lagos sem água
nas frestas de árvores

e eu já não sei caminhar.

E SE FOR UMA LUA ESPIÃ?

Não, parece mais um elmo
de aço e prata
assustando os ramos

ou vendo nas gretas o vento
com beijos errantes
cortejar as flores.

- Mas se aquele pássaro
mudo e acordado
bem rente ao chão voar

quando os passos de uma volta
esbarrarem numa porta
reforçada de tranças novas?

Ai, não importa!
Já foram soltos os cães
e, se for a lua, eles uivam.

Senão, as sombras se decifrem lá fora

BRIGAS

Eu já disse ao vizinho

- Esta cerca de hibiscos
com flores vermelhas
em ramos selvagens
separa os dois lados.

- O meu é o do roseiral.

Então, não force os pardais
a virem de lá para cá.
Ferto, o mais perto possível
o arrozal já cresce no charco

E eu não vou perder a minha safra.

SEM PÁSSAROS

Uma manada de pedras
longe, são búfalos negros
imóveis esfriando o pêlo
em águas.

No outro lado,
a cerca do mar se parte
e cascos invadem o areal afogueado
de novembro.

Errado gira o mundo
no passado e futuro
rola de baixo ao alto
e as nuvens são pesadas.

O céu é floresta
a mata azul azulado
as chamas ramos peçados

os frutos estrelas.

E o coração? - É uma sombra
muda e sem pássaros.

JARROS DA TERRA

Ovais tão negros
jogados no pátio
sem flores abertas

agora são cacos.

Onde as saúvas
ocultas da luz
e pérfidas no escuro

devoram a relva.

Já me disseram
a paz se faz com a guerra.
Vejam lá, é certo

no canteiro as rosas se avermelham.

Há sangue e eu não sei.
Por quê? Talvez....
Não, não vou dizer.

DÁDIVAS

Uma pedra d'água
sem jaças
em tempo invernos.

Um poldro
alazão luzente
com freios de ouro.

São dádivas selvagens. Mas ...

Cascos velozes
além da noite
chegam às margens

e a lua cheia
no céu de breu
é pérola real.

São dádivas selvagens, eu sei.

Só que ainda falta
o verão chegar
e eu te dizer certas coisas

Nunca faladas.

QUEM SABE

De que serve a chuva
os brotos se abrirem
em mau presságio?

As raízes se desenterram
os caules estão brocados
dos insetos caem asas.

Quem passa não volta atrás

O', sina malvada!
Chove tanto lá fora
que tudo se transforma.

Breve, no açude, a água
será ninho de terra
e quem sabe se no verão

o meu coração seja pedra.

ORIGEM

Quando a terra informe
em bordas de mares
esquarteja o azul
ou a sombra é uma só tarja de luto
onde não existem árvores
a isso pode se chamar – caos.

Daí o coração justificar
um pulsar

des o r dena do

Entre as flores de março.

DEIXE O VENTO TIRAR A PROVA

- Velas são frágeis - Apago
e do escuro volta o passado
com a timidez de asas
abertas ao acaso

sem voarem ...

Então você já sabe,
do conluio do vento com o sol
antes mal se tocavam
hoje, estão juntos no rosal.

E agora?

- A sombra é que está contra nós.

VÔOS SEM ASAS

Nuvens tão brancas
assim, recordam sombras.

Onde as raízes
sem rumo se unem
ao húmus de asas
esquecidas do sol

Ou

a mortais amores
com o aroma arcaico
de mofo e sangue
na cinza das ramagens.

É quando as sombras
já recordam as nuvens brancas.

A VOLTA

A Portugal

Veio, veio do mar
deixou o barco onde não há
depois, cruzou os olivais
já sem o coração mortal.

Eu vi

As suas botas luziam
num alazão agitado
passou e deu ao longe
tão só a réstia alada.

Além, muito além das muralhas.

Cansado de ser alma
ou ser tão esperado
agora ou antes, nas margens,
sozinho vê o azul de águas.

- Olhando águas?

Por certo, de novo, volta ao mar ...

SABEM AS CARPIDEIRAS NO VALE

Em véus de cinzas
cortando de foice as flores
eu te pensava. Mas,

só agora, tão perto,
com botas de cano alto
e manto em voltas

vejo - És um guerreiro
de cabelos celtas
muito, muito belo!

Estou abismada!
Amanhã sem luz.
No vale, as carpideiras sabem

que vão chorar mais alto

NO SÍTIO QUE IA ATÉ O MAR

Foi, disse que ia
lavar do tempo a face
onde as ondas voltam
de um escuro sem luar.

Lá, onde uma ancestral

envolta em florais de gaze
sozinha com a solidão tocou
uma vez e nunca mais
um negro piano de cauda

levado por servos ao areal.

Eram canções tão alvas
que os sonhos acordavam
com lágrimas no claro
e tudo era mar, mar,

quando ela tocou.

E nunca mais o piano de cauda.

UM RISO TRISTE

- Depois?

Eu só recordo janelas
e a mesa onde a fruteira
era uma coroa de vidro
ramada de tâmaras e figos.

Tudo esqueci!

O espelho onde o tempo via
em réstias de véus
um colar de ouro e marfim
dar voltas sem fim.

- E agora?

Não sei quem eu sou ainda
abril vem, abril volta,
e, na minha face,
se guarda um riso triste.

Diga, diga quem sou a mim.

E SE VOLTAREM A INDAGAR?

Responderei - Não sei.

Eu nunca vi partidas
não sei quem é alguém
só e só ninguém.

Direi que em tempo

de copas sombrias
e o vento dado a desmandos
junto a mim nem almas chegam

nem longe se aviva o amaranto.

Mas ... se o silêncio contar
tudo, tudo o que foi dito,
sem erro, até eu mesma crer

sob o clarão de uma lua

adiante, muito adiante
já não vais lembrar o pouso
de tua cabeça meio louca

certa vez numa almofada de flores.

ROSAS E VIOLETAS

Abrindo o verão
a luz é aquela flor
deixando cair em pedras

a corola de ouro

e violetas, depois
num buquê de viuvez
afrontam o inverno

que nem sequer chegou.

Verão de pétalas
com violetas no inverno
sucedem-se, mas há discórdia.

O' desalmados! Não digam isso à

Morte.

CASSANDRA

Se me fazes mal
arrasto os meus pés
até sangrarem

os seixos brancos do vale.

Se me fazes mal
as flores não retornam
serão natimortas
escuras e secas

no esplendor do claro.

Se me fazes mal,
todos os beijos falsos
voltam em tua face
nódoas sombrias

que nenhuma água lava.

Se me fazes mal,
o teu mundo é o caos
de corações saqueados,
um latejar em vão.

Cerca então os meus abismos
com asas voando ao longe.

SOL AZUL

Longe, muito longe, onde
no calor de um estio
irmãs bordam o linho
sentadas em bancos de vime,
vi cruzar a sombra
um sol azul sem se ferir.

Embora aberta fosse a tranca
do portão da varanda
e fora os pássaros já dormissem
sem nenhum ruflar de asas
espantar o mormaço
foi lá que o sol pousou em mim.

E eu disse sem as irmãs ouvirem
- Eis aqui a serva do Senhor.

A PRIMAVERA MORTA

São léguas e léguas de árvores
cercando as margens. Mas ...
faço de conta que tu voltas
de coração aceso com medalhas.

Estou só, tão desarmada!

Escuto ruídos falsos
ou são as lajes que se aclaram
com estrelas de ferro
tilintando em esporas?.

Chegas e tudo se acaba.

Nas rosas marrons de minha saia
desolada sem o brilho do sol
com um gesto e a vista baixa
mostro em silêncio a primavera morta.

COM NUVENS E PÁSSAROS

Hoje é um dia
em que no anzol
pode morrer o peixe

com guelras sangrentas
arquejando o ar ar ar
do último céu de águas.

É o dia do laço negro
na sandália desatar-se
bem no meio da estrada

que leva pássaros atrás
nos sítios umbrosos
de polpas soterradas.

Dia é de se tomar chá
em xícaras desdouradas
com trincos nos beirais.

É sempre o dia esperado
quando podem dizer
- Endoideceu por nada ...

Agora, porque voam, falo só
com nuvens e pássaros.

INSULTOS

Eu sei porque ele é assim
 junta só flores vermelhas
 passa por mim e não me reconhece.
É jovem demais este verão
 e eu – já velha

Certo está quem aconselha
 - Faça também o mesmo
 colha centenas de violetas

e enfeite de roxo bem roxo
 um longo inverno.

AONDE VÃO AS NUVENS

- Estou a prolongar-lhe a vida

Já com a luz extinta
 lavrando tábuas de sucupira
 com raios negros de verniz
 do caule surge a mesa.

E que renda vai cobri-la?

Respondi - aquela
 nascida em bilros
 branca igual à louça
 com borrões azuis de flores.

Ele disse - aonde vão as nuvens?

-Com tantos enganos
 quem sabe aonde vão
 se até os zangões do sítio
 esqueceram o aroma

de um verdor de folhas.

- E se estou a prolongar-lhe a morte?

DESATA UMA FITA LILÁS

Põe o aqui lá fora
o hoje no amanhã
desata uma fita lilás
ou muda de jarro as flores

Facilita meu amor.

Na estação dos plantios
em legítima defesa
arames farpados se esticam
nas estacas de aroeira

Antes de o sol ver a colheita.

Deixe então os pássaros
sem remorso presos,
em gaiolas de ferro e madeira
sem indagar o porquê de

no além dos canteiros

brotarem os tinhorões vermelhos.

CERTAS COISAS

Boiam as folhas.
Isso confirma - O inverno chega.
Mas ... o sol não dá sinais,
esguio e atrasado

vagueia ao léu nos vales.

E ninguém lembra as jandaias
sem o atar de correntes,
amantes fiéis ao pouso
de um jardim sem flores.

Ah! Nunca me dizem certas coisas ...

NOS ROCHEDOS

Quando a luz chega
lavando o negror da noite
em nuvens vermelhas

meia-lua se vê.

Nas gaiolas de céu,
pássaros acordam,
arautos azuis

de novas alvissareiras.

E, sendo um leva e traz
o vento pula as cercas
tal um cabrito montês

faminto de folhas tenras,

pasto orvalhado
florido de juremas,
vagens, cascas, sementes.

Isso diz uma lavradora

quando a lua
medalha frágil
que se parte ao meio

tomba nos rochedos.

EU NUNCA ME RESPONDI

Do meu rebanho
sacrifício no areal
o mais belo touro
de chifres arqueados.

Na luz de março
os cravos arranco
de ourada grinalda
que se desfaz.

Um nome me chamam
e nunca respondi,
não sei se tenho aura
de esplendor azul.

No auge do sol
o meu espelho se embaça.
Em moldura de prata
confessa só o vazio

Eu nunca me respondi ...

ABRO TODAS AS PORTAS

Mesmo se os cães avançarem
com dentes e patas nas flores
e o azul do tapete escureça
todo espojado de pêlos,

antes, muito antes,

do tempo dizer - Veja
tudo é lixo - sonhos, folhas.
E, sem ligar gentilezas,
passe nas portas abertas

sem agradecer.

O tempo, meu bem, não se comove à-toa.

CHUVA COM SOL

Tal nódoa em seda,
as abelhas pousam
nos lírios indefesos
e a ninguém importa.

Até os pássaros aceitam
o verão chegar nublado
em fins de janeiro
com as folhas já ciscadas.

Por que então o alarde
de correrias no pátio
quando nas moitas do ar
o rapaz e a moça se abraçam

alheios à chuva com sol
nas gretas das lajes
onde os bredos se esmagam
com o andar do tempo.

FALEM DO QUE JÁ NÃO EXISTE

De um pavão vermelho
bicando o lodaçal
de um rio morto.

De flores tão leves
que a brisa inveje
e logo vergue os brotos.

Falem do que não se vê.
- Um negro buquê de noites
o longo véu sem a noiva.

Mesmo se depois
as nuvens afoitas
mostrarem o fulgor

de um céu em ouro.

Falem do que fui e já não sou.

FAÇA A SUA ESCOLHA

- A ala rósea das flores
outra que segue os sombreiros
bem longe onde pássaros voam
ou a do sol aberto em noite.

- Agora? Não há escolha ...

Ontem, a fogueira morreu.
Sem nenhuma escolha feita, adeus.
A lenha já não é brasa
e as cinzas não acendem

a ala que surge a minha frente.

UM DIA

Se os degraus levarem
ao além da escada,
eu sei que dois pilares
com altivos bogaris

aguardam-me no jardim

de uma longa casa
pousando tal asas
abertas em terraços
com o sol a pino

solto na estrada

onde tudo passa e repassa
aves, novilhos, ovelhas,
na romaria dos dias
claros, muito claros, clarísimos.

Mas, se os degraus descerem

eu não devia dizer
quem espera por mim
lá, no canto sem flores
de um relvado extinto.

O mesmo tempo sozinho.

SOBRAS DE LUZ

Do areal
um vazio no claro.

Do mar
o adeus da viagem.

Do bosque
o húmus das ramagens.

Da terra
um plantio invernal.

Do céu
a coroa de Ariadne.

Tantas e tantas coisas
não cabem num arcaz.
As trancas se envergam
e, sobra luz por toda parte.

LUA DESFEITA

- Perdeu-se sem caminho?

- Não. Sempre é assim.
Em qualquer aldeia
surge o erro
de uma lua desfeita
e as estrelas se apagam
com tarjas de nuvens negras.

Ou

Longe, o odor da colheita
foge dos celeiros
invade as cocheiras
onde os cavalos relincham
e fuçam o ar que chega
sem nenhum aviso.

Do mais longe, onde o escuro faz medo.

FALSIDADE

Por mais que se lamente o vento
enternecendo o vale
não tenha pena
veja só, depois o que ele faz

- Canta, canta no capinzal.

Por mais que chore a água
um poço verde de lágrimas
adiante, todos já sabem
sufoca nos jardins as flores

com frieza mortal.

Assim, não me lastime, cale,
quando o tempo longe me levar
deixando as sombras pensarem
que eu acreditei na eternidade

É a minha vez de ser falsa ...

LOURO ~ PRETO

*“Árvore cuja madeira é estimada para
uma série de usos, canela-baraúna”.*

O louro ainda não deu
folhas de preto,
nem estancou sua seiva
que nodoa o verão.

E noite,
é noite.

Faz do teu coração
uma tocha de mato seco
acende e vê - O chão se arrepiou.
Quem foi morto? Que houve?

- Foi só uma queda
uma queda sem dor.

- Foge, esquece o visto
esquece caibros, ripas, vigas.
Tetos se fazem de céus
em pátios de pedras.

- Isso disse a moça a alguém que passou.

ABRIL

Venha, devagarinho, pare.
Mas volte ligeiro a buscar os lírios
que deixei onde não devia.

Esquecidos,
longe
e...

Já não sei
o
lugar.

JUSTIÇA

Não pode ser juiz
quem não sonha dias claros.

Você é minha testemunha
porque juntos estávamos na tarde
quando em mar de prata
vimos, com espanto, o sol boiar.

Pálido, morto, igual a um jovem
de longos cabelos descourados.

Ah! Não tivemos culpa de nada!
Além do mais, o dia era claro.

PANOS NEGROS

Se tu morres
cubro a face de panos
tão pesados e negros
que o sol não chega

onde o mundo se acaba.

Se tu morres
nunca mais vejo o mar
nem que as pedras sejam
águas sufocando o areal.

Mas, se és imortal

Amor, amor quem sabe?
Visto uma blusa vermelha
saio a cantar no pátio

e os pássaros que se calem.

- Bela, belíssima tarde.

ÍNDICE

Prefácio
Dia e noite
Uma visão do mundo
Teu mal
Se
Barcos e pedras
Já vi ameixeiras florindo
Ela o mar e o terral
No areal
“O caminho do homem com a moça”
O sinal
Sob uma lua parda
Ns profundezas
Do outro lado
Com abóbadas de ouro
Ciúmes
Iluminura tardia
O javali
Só flores
A partida
O sol esta solto
No bosque azul das pavoas
O xale verde
Rumo ao leste
A carta
Solto e sem destino
Agora
Antes da noite
Onde a sombra existe
Ontem
Se alguém chegasse
Insonia
Ele e alguém
Em noites de lua baixa
Além do muro negro
Quando leio os teus versos
Alguém chegou
O que lembra a água
Cortesia
E se for uma lua espia?
Brigas

Sem pássaros	212
Jarros da terra	213
Dádivas	214
Quem sabe	215
Origem	216
Deixe o vento tirar a prova	217
Vãos sem asas	218
A volta	219
Sabem as carpideiras no vale	220
No sítio que ia até o mar	221
Um riso triste	222
E se voltarem a indagar?	223
Rosas e violetas	224
Cassandra	225
Sol azul	226
A primavera morta	227
Com nuvens e pássaros	228
Insultos	229
Aonde vão as nuvens	230
Desata uma fita lilás	231
Certas coisas	232
Nos rochedos	233
Eu nunca me respondi	234
Abro todas as portas	235
Chuva com sol	236
Falem do que já não existe	237
Faça a sua escolha	238
Um dia	239
Sobras de luz	240
Lua desfeita	241
Falsidade	242
Louro-preto	243
Abril	244
Justiça	245
Planos negros	246

Montado e impresso nas oficinas gráficas da

Editora
Universitária  UFPE

Rua Acadêmico Helio Ramos, 20 • Varzea
Fone (0xx81) 3271 8397 • (0xx81) 3271 8933
Fax (0xx81) 3271 8395 • CIP 50740-530
Recife • PE



